

Prefeitura Municipal de Mogi das Cruzes

LEI Nº 6.613, DE 25 DE OUTUBRO DE 2011

Dispõe sobre criação e denominação de Centro de Educação Infantil Municipal – CEIM, e dá outras providências.

O PREFEITO DO MUNICÍPIO DE MOGI DAS CRUZES,

Faço saber que a Câmara Municipal decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º Fica criado e denominado **Centro de Educação Infantil Municipal – CEIM Raphael Cusatis**, cujos dados biográficos acompanham a presente lei, o estabelecimento de ensino a funcionar na Rua Rosa Borato, 121, Chácara Jafet, nesta cidade.

Parágrafo único. A placa denominativa que será afixada na entrada do local conterà os seguintes dizeres:

**CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL MUNICIPAL - CEIM
RAPHAEL CUSATIS**

Art. 2º O Poder Executivo, por intermédio da Secretaria Municipal de Educação, dotará a unidade escolar ora criada dos recursos materiais e humanos necessários ao seu funcionamento.

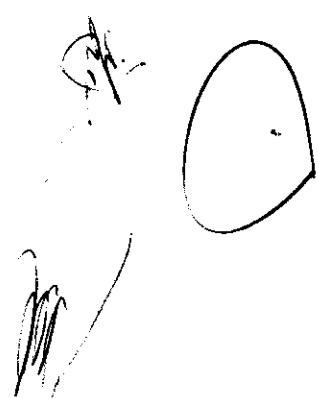
Art. 3º As despesas com a execução da presente lei correrão por conta das dotações próprias do orçamento.

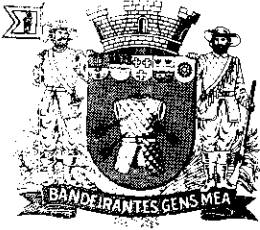
Art. 4º Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MOGI DAS CRUZES, 25 de outubro de 2011, 451º da Fundação da Cidade de Mogi das Cruzes.


MARCO AURÉLIO BERTAIOLLI
Prefeito Municipal

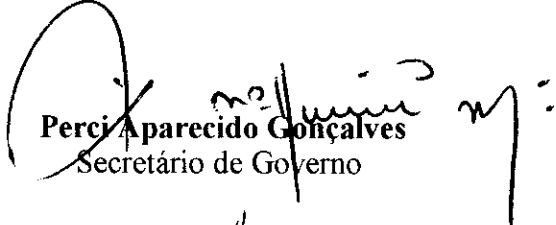

Luiz Sérgio Marrano
Secretário de Gabinete do Prefeito






Prefeitura Municipal de Mogi das Cruzes

LEI Nº 6.613/11 – FLS. 2


Percival Aparecido Gonçalves
Secretário de Governo

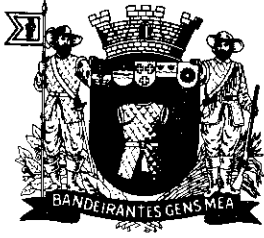

José Antônio Ferreira Filho
Secretário de Assuntos Jurídicos


Robson Senziali
Secretário de Finanças


Maria Geny Borges Avila Horle
Secretária de Educação

 Registrada na Secretaria de Governo - Departamento de Administração e publicada no Quadro de Editais da Prefeitura Municipal em 25 de outubro de 2011.

 SGov/rbm



Prefeitura Municipal de Mogi das Cruzes

ANEXO À LEI Nº 6.613/11

BIOGRAFIA DE RAPHAEL CUSATIS

HOMENAGEM PÓSTUMA

FELUCHO – O EXEMPLO

RAPHAEL CUSATIS

Nascimento: 26 de abril de 1904

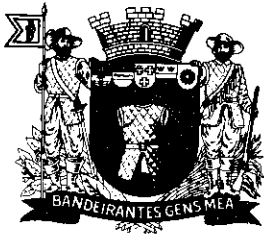
Falecimento: 11 de agosto de 1993

Por quase 90 anos, o mais solidário dos mogianos

“Fundam-se a Corporação Musical União Mogyana”. “Divulgada a relação dos mogianos integrantes da 149ª Brigada da Guarda Nacional”. “Assembléia visa a fundação do Tiro de Guerra de Mogi das Cruzes”. Manchetes como essas certamente estamparam as páginas iniciais dos diversos semanários que vinham surgindo, no início do século 20, em Mogi das Cruzes – naquela época, ainda grafava-se Moji das Cruzes. Em 1905, por exemplo, nasce “O Mallandro”, de propriedade de João Junker Filho e gerência de Oliveira Santos. No ano seguinte, é a vez do “A Vida”, criado por Silva & Sodré. Ainda em 1906, Mello, Mellinho e Mellão fundam “O Furo”. Mais tarde, em 1910, circula em Mogi o “Procellaria”.

O surgimento de todos esses semanários comprova a necessidade que Mogi das Cruzes tinha, no início do século 20, de veículos que noticiassem os grandes acontecimentos que o Município vinha sediando. Não é por acaso que, no dia 26 de abril de 1904, entre tantos outros fatos memoráveis, nasce, em Mogi, Raphael Cusatis.

Nicolau, pai de Raphael, veio da Itália para Mogi das Cruzes ainda jovem, visando melhores condições de vida para a criação de uma família. Sozinho, ele passou algum tempo trabalhando como sapateiro e, só mais tarde, em uma situação melhor (mas não confortável), voltou à Itália para buscar sua esposa, Serafina. Nasceu, então, o primeiro filho do casal: Raphael, que, mais tarde, passou a ser conhecido pelos mogianos como Felucho. Na infância, Felucho dividiu as dificuldades acarretadas pela falta de dinheiro com os irmãos Luiz, Yolanda e Vicente, que veio a falecer ainda criança.

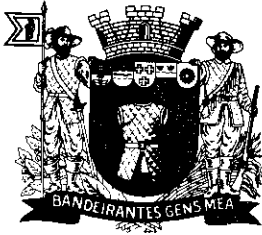


Prefeitura Municipal de Mogi das Cruzes

ANEXO À LEI Nº 6.613/11 – FLS. 2

Felucho foi homem de uma profissão só: corretor de imóveis. Durante mais de 50 anos ele se colocou à disposição dos mogianos para a compra ou venda de residências e estabelecimentos. E era procurado com muita frequência, pois tinha fama de ser honesto nas negociações, dava conselhos aos clientes: “para se comprar um imóvel, é preciso visitá-lo de manhã, à tarde e à noite”. Andava sempre com uma caixa de fósforos no bolso para espantar os cachorros que, furtivamente, vinham atrapalhar as visitas dos clientes às residências. Dificilmente, naquela época, um mogiano poderia confessar, com propriedade, que nunca havia visto pela cidade uma casa que expusesse, na fachada, a plaquinha: “VENDE-SE. Tratar com Felucho”. Ou, até mesmo, que nunca tivesse o visto batendo perna pelas ruas, sempre elegante – de terno, gravata e chapéu. Felucho era um homem vaidoso. A confiança que as pessoas tinham no “Felucho corretor de imóveis” era tanta que, certa vez, o então prefeito de Mogi das Cruzes, Waldemar Costa Filho, foi buscá-lo em casa para avaliar um terreno da Prefeitura. E Felucho ia, com boa vontade e sempre muito orgulho, por saber que estava ajudando alguém. Em outra ocasião, na última fase do processo de venda de uma casa, Felucho, por conta própria, desfêz a negociação. Quem explica o episódio é sua primeira filha, Angela: “Eu era uma adolescente ainda e me lembro que meu pai estava vendendo uma casa. Na hora de assinar a venda no cartório, a proprietária do imóvel começou a chorar. Meu pai perguntou o motivo, e a mulher revelou que estava chorando porque estava vendendo a casa apenas para ter condições de pagas as dívidas. Imediatamente, Felucho falou: ‘essa casa não será mais vendida’. Ele procurou uma pessoa que emprestava dinheiro a juros e repassou o dinheiro para a mulher, colocando-se, ainda, como fiador. Meu pai ficou sem ganhar o dinheiro da venda, mas voltou para a casa feliz da vida, contando para todo mundo”.

A solidariedade de Felucho avançava o âmbito profissional. As pessoas o procuravam trazendo receitas médicas, pois sabiam que ele, generosamente, repassava tudo para um farmacêutico e amigo, conhecido como Ariza, que distribuía os medicamentos entre os necessitados e, no fim do mês, mandava a conta para Felucho. Mesmo sem nunca ter feito parte da alta classe da sociedade e sempre ter trabalhado como corretor de imóveis, invariavelmente era possível ver pessoas batendo a sua porta e saindo com remédios e mantimentos, geralmente membros de famílias humildes que vinham da Serra do Itapety. Felucho contribuiu muito, também, para a construção da Catedral de Mogi das Cruzes. Ele enviava – e mobilizava amigos a enviarem também – materiais de construção ao padre Roque, que zelava pela igreja naquela época.



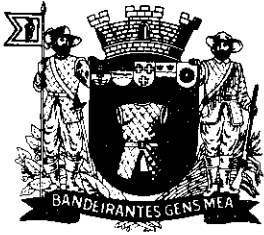
Prefeitura Municipal de Mogi das Cruzes

ANEXO À LEI Nº 6.613/11 – FLS. 3

Toda essa solidariedade era possível, mesmo tendo que criar e sustentar uma família grande. Com Iria Simões, sua única esposa, Felucho teve sete filhos: Angela, Rafael, Leonor, Nilson, Osvaldo, Marcos e Mateus. Pai carinhoso, mas enérgico, ele encaminhou seus filhos muito bem, sempre enfatizando a importância de se viver com dignidade. Felucho era homem de personalidade firme e tentava passar isso para seus filhos, tinha essa preocupação de sempre trilhar pelo caminho do bem, comprometido com a verdade. Um grande diferencial de Felucho era que ele acreditava de verdade nas pessoas.

O filho caçula, Mateus, conta que certo dia, ao ver um ladrão sendo detido pela polícia por ter tentado roubar uma bicicleta bem na porta de sua casa, Felucho convenceu a polícia a soltar o sujeito e ainda foi buscar um café para ele, acompanhado de um pão com presunto e queijo. Mateus lembra, ainda, do dia – já depois de Felucho ter falecido – em que ele encontrou um grande amigo de seu pai no shopping de Mogi das Cruzes, o Toninho Andari, que falou, em alto e bom som, para todo mundo ouvir: “pode ter existido alguém tão honesto quanto o Felucho em Mogi, mas, mais que ele, não!”. Felucho era tão magnânimo que, mesmo quando sua boa vontade era contrariada, a vida encaminhava a pessoa que ele queria ajudar para um caminho ainda melhor. Foi o que aconteceu com Marcos, seu sexto filho: “quando completei 18 anos, pedi a ele que conversasse com o sargento Mendes, do Tiro de Guerra, para que me dispensasse do serviço militar. Assim ele fez, porém, o sargento disse que se eu fosse filho dele, não atenderia seu pedido e me faria servir. Conclusão: servi, e foi essa a maior experiência que já vivi”.

Um hábito curioso de Felucho é que quando ele recebia a comissão de alguma venda, ele colocava todo o dinheiro em cima de uma mesa e pedia a ajuda dos filhos para contar. Depois, guardava tudo em um arquivo e dizia: “quando quiserem podem pedir. É de vocês!”. Angela conta, porém, que, mesmo que precisasse, ninguém nunca teve coragem de tirar nem um “cruzeiro” de lá. Com o passar dos anos, os filhos de Felucho e Iria foram se casando e os dois se viram sozinhos em uma casa imensa. Felucho passou, então, a exigir a presença de todos eles, em todos os domingos do mês. Essa exigência acabou se transformando em tradição. Os almoços de domingo reuniam a família Cusatis toda semana naquela casa localizada na Barão de Jaceguai. Esses encontros semanais eram marcados pela alegria e abrihantados, principalmente, pelo sorriso que Felucho raramente tirava do rosto. O sorriso frequente perdurou até a morte de Iria, sua esposa. A partir de então, a alegria dos almoços de domingo foi abalada pela tristeza do patrono. Ele acostumava dizer que “a vida é assim para quem ama, a dor no coração de quem trama”. Felucho só voltou a sorrir novamente com o nascimento dos netos e bisnetos, e a ampliação da família, que fez com que ele não se sentisse sozinho. Sua saúde, no entanto, estava fragilizada. Durante 10 anos, os filhos se revezaram para dormir com ele. E deu certo: sete filhos, sete dias na semana.



Prefeitura Municipal de Mogi das Cruzes

ANEXO À LEI Nº 6.613/11 – FLS. 4

Uma frase que Felucho costumava dizer nesses últimos anos de vida ficou na cabeça de seus filhos: “quando eu morrer, quero que vocês fiquem unidos para sempre”. E assim se deu. Felucho morreu no dia 11 de agosto de 1993, aos 89 anos. Durante muito tempo depois, a família continuou se encontrando naquela casa da Rua Barão de Jaceguai e celebrando a alegria de viver; alegria, essa, herdada pelo pai de todos eles, Raphael Cusatis, o Felucho.